

Agruras no trabalho do professor

Nilson Rogério da Silva, Debora Mendes Pinheiro

Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional Especial, Universidade Estadual Paulista – UNESP,
Marília, SP, Brasil.

Resumo: Introdução: O trabalho do professor é permeado por um conjunto de fatores adversos que incluem condições de trabalho inadequadas, salários insuficientes, carência de materiais e recursos didáticos, problemas de relacionamento com os alunos, elevada carga de trabalho, pouca ou nenhuma participação na gestão do seu trabalho. Tais condições acabam sendo expressas pelos professores por meio de adoecimentos de ordem física e emocional. Objetivo: Identificar a percepção dos professores sobre o seu trabalho e sua relação com a saúde, considerando aspectos físicos, emocionais e organizacionais. Método: Participaram do estudo 110 professores do ensino fundamental integrantes de curso à distância (EAD). Para coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado que abordou dados pessoais e profissionais, aspectos físicos, mentais e organizacionais do trabalho. A análise de dados foi realizada por meio de estatística não paramétrica, com cálculos da média e do desvio-padrão. Resultados: As atividades burocráticas são as de maior demanda física e as mentais referem-se ao desinteresse dos alunos e pais. A região corporal de maior queixa foi membros superiores e inferiores. Quanto às condições de trabalho, a maioria dos professores considerou parcialmente satisfatórias, tendo em vista que estas prejudicam sua saúde e podem interferir na aprendizagem dos alunos. Conclusão: O trabalho do professor é permeado de agruras e requer medidas de prevenção e intervenção no sentido de desenvolver estratégias de enfrentamento e reflexão do contexto organizacional, com benefício também para os alunos e as instituições escolares.

Palavras-chave: *Professor, Condições de Trabalho, Saúde, Sofrimento no Trabalho Docente.*

Troubles in the teacher's work

Abstract: Introduction: The teacher's work is permeated by a number of adverse factors including poor working conditions, inadequate wages, lack of teaching materials and resources, relationship problems with students, high workload, little or no interest in their work management. Such conditions end up being expressed by teachers through physical and emotional illnesses. Objective: To identify the perception of teachers about their work and their relation to health, considering physical, emotional and organizational. Method: The study included 110 elementary school teachers that are distance course members (EAD). For data collection, it was used a semi-structured questionnaire addressing personal and professional, physical, mental and organizational work. Data analysis was performed using non-parametric statistics, with mean and standard deviation calculations. Results: The results reveal that the bureaucratic activities are the most physically demanding and the mentally ones refer to the lack of interest of students and parents. The body region of biggest complaint was upper and lower limbs. As to working conditions, most teachers considered partially satisfactory, considering that these harms their health and can interfere with the student's learning. Conclusion: The teacher's work is permeated with troubles and requires prevention and intervention measures to develop confrontation strategies and reflection of the organizational context, with benefits also for students and schools.

Keywords: *Teacher, Work Conditions, Health, Troubles in the Teaching Work.*

1 Introdução

Falar do trabalho do professor infelizmente remete a um panorama permeado de dor e sofrimento. Nas considerações de Oliveira (2005), o espaço escolar tem sido fonte de agruras e sofrimentos para o professor. A literatura é vasta em apontar as principais manifestações de adoecimento em professores, com destaque para os físicos, emocionais, ambientais, organizacionais e da estrutura escolar.

Entre as manifestações físicas expressas por adoecimento, distúrbios na voz foram apontados por Costa et al. (2013), problemas músculo-esqueléticas (SILVA; ALMEIDA, 2012), respiratórios e cardiovasculares (VEDOVATO; MONTEIRO, 2008), problemas na coluna e membros inferiores (SUDA et al., 2011), entre outros. Em relação aos fatores emocionais, pode-se mencionar o estresse e o *burnout* (SILVA; ALMEIDA, 2011; MESQUITA et al., 2013; PEDDITZI; NONNIS, 2014), depressão (BATISTA; CARLOTTO; MOREIRA, 2013).

Em relação aos aspectos ambientais e organizacionais no trabalho do professor, é possível mencionar temperatura elevadas, ventilação e iluminação insuficientes e ruído (BATISTA et al., 2010), jornada de trabalho excessiva e remuneração insuficiente (PINTO, 2009), pouca oferta de materiais e recursos de ensino, problemas na formação de professores (SILVA; ALMEIDA, 2011). Pode-se constatar, a partir da literatura citada acima, um contexto desfavorável ao desempenho profissional do professor e, portanto, marcado por agruras e sofrimentos.

2 Reformas no Setor Educacional e Implicações para o Trabalho do Professor

As transformações no trabalho decorrentes da globalização e da reestruturação produtiva, intensificadas na década de 1990, resultaram em mudanças no trabalho, na produção e na mão de obra. O incremento das inovações tecnológicas modificou as atividades e tornou o ritmo de trabalho mais intenso, favorecendo o processo de adoecimento dos trabalhadores (ANDRADE; CARDOSO, 2012). Tal contexto também ocasionou transformações na educação, na escola e no trabalho docente. Oliveira (2007) considera que as reformas educacionais realizadas na última década apresentam como características a descentralização administrativa, financeira e pedagógica e autonomia escolar. Como resultado desse processo de autonomia, ocorre a ampliação no papel do professor por meio do

acréscimo de responsabilidades, as quais ultrapassam o processo de conhecimento do aluno, ou seja, o espaço da sala de aula, e incluem a gestão escolar e planejamento pedagógico.

Frente às diversas funções que a escola se propõe a realizar, o professor tem que mobilizar conhecimentos que ultrapassam os limites da sua formação (OLIVEIRA, 2005).

Esteve (1999) considera que as transformações na educação e no contexto social exigem um novo perfil de professor, cuja cobrança pela eficácia aumentou significativamente. Oliveira (2007) afirma que a ampliação do papel do professor vem acompanhada de uma maior cobrança sobre o professor em relação ao sucesso pelo aprendizado do aluno, com a instalação de mecanismos de mensuração do desempenho dos alunos.

Souza (2007) afirma que, na lógica do capitalismo e da modernização tecnológica, o mecanismo de mensuração da produtividade e da qualidade do ensino oferecido aos alunos ocupa posição fundamental. Além dos fatores já mencionados acima, observa-se que as condições de trabalho estão cada vez mais precarizadas. Para os mesmos autores, prevalece a lógica mercantil de buscar o baixo custo de produção e alta produtividade, e nesse sentido são promovidas ações de redução do quadro de profissionais, aumento na proporção de alunos por sala de aula, carga de trabalho elevada e de responsabilidades com depreciação das condições de trabalho e da qualidade de vida dos professores.

Sampaio e Marin (2004) afirmam que professores, em função da remuneração baixa, trabalham em outras escolas contribuindo para a uma jornada de trabalho excessiva, além das atividades em casa, sobretudo para as mulheres. Não se pode desconsiderar ainda as atividades que o professor realiza em casa, como correção de trabalho, organização das aulas, conforme destaca Meleiro (2007).

Oliveira (2001) refere que a jornada de trabalho intensa está associada a um processo de desvalorização do papel do professor e achatamento salarial. Em estudo realizado pela autora, identificou que 80% dos professores trabalhavam em mais de uma escola, como forma de alcançar rendimento compatível com suas necessidades. Segundo dados da UNESCO (ORGANIZAÇÃO..., 2004), 65,5% dos professores no Brasil recebem de dois a dez salários mínimos.

Nesse contexto, os educadores acabam vivenciando no seu cotidiano situações de trabalho desfavoráveis, com baixa remuneração, insuficiência de recursos de ensino, número excessivo de alunos, relações interpessoais prejudicadas e pouca ou nenhuma

participação nas decisões sobre o seu próprio trabalho (SILVA et al., 2015).

3 Algumas Palavras sobre a Formação de Professores

A Resolução CNE/CP nº 1 (BRASIL, 2002) estabelece que a formação deve contemplar o desenvolvimento de habilidades e competências do professor, articulando conhecimento e didática, para que ele tenha autonomia para ensinar. Contudo, a formação do professor está distante de contemplar esses elementos. Oliveira (2006) destaca a vigência de padrão formativo conservador, puramente técnico e com baixo nível de reflexão, e por vezes descontextualizado do cotidiano escolar. Meleiro (2007) aponta para uma degradação das condições de formação e da prática do professor no Brasil. Libâneo (2000) considera que muitos professores possuem uma formação sólida e comprometimento com o trabalho, mas por outro lado existe um contingente elevado de docentes com falhas significativas na formação profissional, e dessa forma encontram dificuldades para lidar com as demandas no processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Nunes Sobrinho (2007) acredita na existência de um distanciamento entre o trabalho prescrito (normas, leis e regras) e o trabalho real (o que é efetivamente realizado pelo trabalhador) no exercício profissional de professores, o que revela um descompasso entre a organização do trabalho docente e do sistema educacional.

Dessa forma, pode-se afirmar que o exercício da docência configura um universo em que estão presentes riscos à saúde, seja por adoecimentos de natureza física e/ou emocional, os quais guardam estreitas relações com as condições de trabalho (aspectos do ambiente e posto de trabalho, infraestrutura escolar, organização do trabalho e gestão do ensino). Tais constrangimentos podem, além de ocasionar prejuízo à saúde dos professores, impactar na qualidade do ensino e prejudicar o processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Considera-se no presente estudo, como conceito de condições de trabalho conforme Dejours (1992), aspectos relativos ao ambiente físico (temperatura, ruído, vibração), químico (gases tóxicos, poeiras), higiene, segurança e medidas antropométricas do trabalhador e características do posto de trabalho). Para o mesmo autor, a organização do trabalho compreende as formas de divisão do trabalho, das tarefas, os relacionamentos interpessoais (chefia e colegas de trabalho), atribuições e responsabilidades.

4 Objetivo

Identificar a percepção dos professores sobre o seu trabalho, possíveis impactos à sua saúde, considerando aspectos físicos, emocionais e organizacionais.

5 Método

5.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, que buscou investigar as condições de trabalho e saúde de professores.

5.2 Local

Os professores que participaram da pesquisa eram alunos regularmente matriculados em curso de aprimoramento sobre deficiência e inclusão, oferecido na modalidade de ensino à distância, sendo originários de diferentes municípios do Estado de São Paulo.

5.3 Participantes

Participaram do estudo 110 professores do ensino fundamental regular de salas com alunos com e sem deficiência integrantes de curso à distância (EAD). Os professores foram indagados sobre a sua rotina nas escolas e salas de aula. A quase totalidade dos participantes (98%) era do gênero feminino, com média de idade de 39 anos ($dp=8,32$), carga horária média de trabalho de 36,8 horas por semana ($dp=12,4$), tempo na função de 13 anos ($dp=8,76$), a maioria casados 61,8% (68), 14,5% (16) solteiros, 41% (45) lecionam em classes regulares com alunos com deficiência, 27% (30) sem alunos com deficiência, 22% (24) em salas de recursos multifuncionais, e 10% (11) em salas de reforço.

5.4 Instrumento

Para a coleta utilizou-se um questionário semiestruturado contendo 13 questões de múltipla escolha, as quais contemplaram: dados pessoais; principais atividades realizadas, que contemplou dados pessoais; manifestações de dor nos diferentes segmentos corporais, necessidade de afastamento do trabalho, principais demandas físicas e mentais, fatores estressores no trabalho, condições de trabalho (ambiente e organização do trabalho, materiais e equipamentos, recursos de ensino); possíveis implicações das condições de trabalho na saúde do professor e na aprendizagem do aluno. Trata-se de um instrumento desenvolvido a partir de Silva (2009), cuja aplicação inicial ocorreu com 60 participantes. Nessa versão original, as questões eram abertas, mas

após o tratamento dos dados, frente às categorias de respostas dos participantes, gerou uma versão com organização em forma de opções em múltipla escolha, a qual foi utilizada para a coleta de dados nessa pesquisa. Antes da coleta de dados, o instrumento foi enviado para juízes a fim de verificar suas propriedades, tendo recebido parecer favorável. Foi realizado o cálculo do coeficiente *alfa de Cronbach* para avaliar a consistência do questionário, sendo obtido o valor 0,52, indicador considerado aceitável. Ressalta-se a inexistência de instrumentos dessa natureza na literatura, o que motivou a elaboração deste.

5.5 Procedimentos de coleta de dados

O presente projeto é parte de um projeto maior que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o protocolo nº 1.021.194 de 09 de abril de 2015. Os questionários foram coletados por meio de uma plataforma de ensino à distância, durante a vigência do curso no ano de 2013, nos meses de janeiro a junho, junto com uma carta explicativa sobre os objetivos da pesquisa. Foram incluídos todos os participantes que se disponibilizaram a participar, que preencheram integralmente o questionário e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

5.6 Procedimentos de tratamento e análise de dados

A análise de dados foi quantitativa e realizada por meio de estatística não paramétrica, com cálculos da média e do desvio-padrão. Os dados obtidos no instrumento foram tabulados em planilhas do Microsoft Excel e os resultados organizados em Figuras.

6 Resultados e Discussão

Nesta seção serão apresentados os dados obtidos na realização da entrevista semiestruturada com os professores, os quais estão organizados de acordo com as seguintes temáticas: Atividades de maior demanda física; Principais regiões corporais de incidência de dores; Atividades com maior demanda mental; Principais fatores estressores apresentados nos últimos seis meses; Avaliação das condições de trabalho, organização do trabalho, materiais e equipamentos e disponibilidade de recursos pedagógicos; Relação entre as condições de trabalho oferecidas e a saúde do professor e Relação entre as condições de trabalho e a qualidade da prestação do serviço ao aluno.

Entre as atividades de rotina dos professores estão, além de ministrar aulas, o planejamento e preparação de aulas, correção de materiais, lançamento de notas, reuniões com professores, direção e pais. A literatura tem discutido uma ampliação do trabalho do professor, que tem assumido papéis de gestão na escola (CARLOTTO; PALAZZO, 2006; OLIVEIRA, 2007).

Considerando as atividades realizadas no seu trabalho, os professores foram questionados sobre as que apresentam maior demanda física, cujo resultado é apresentado na Figura 1.

As atividades burocráticas que consistem em preenchimento de documentos internos, caderneta de chamada, lançamento de notas e reuniões obtiveram 62 ocorrências, sendo a mais prevalente, seguida da correção de materiais (27), realização de atividades em grupo com os alunos (25), e a atividade principal dos educadores, que é dar aulas, obteve apenas 19 indicações.

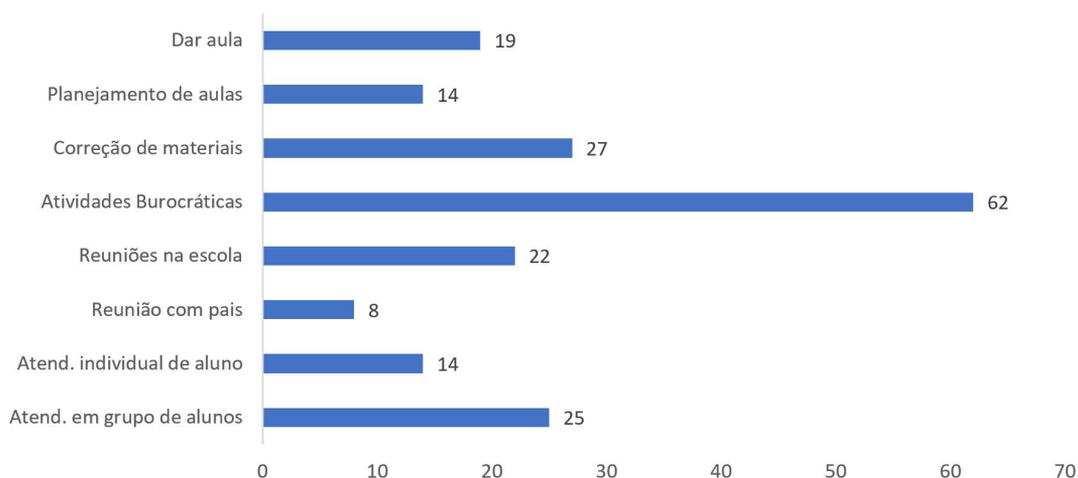


Figura 1. Atividades de maior demanda física.

6.1 Manifestação de dor por segmento corporal

Considerando as atividades cotidianas dos professores e os diferentes segmentos corporais envolvidos, foi questionada a possível presença de dor no exercício da atividade profissional, cuja síntese é apresentada na Figura 2.

Para a maioria dos professores (77%), os desconfortos não resultaram em afastamentos, mas 23% se afastaram por período de 1 a 15 dias (17 ocorrências), e de 16 a 60 dias (4 ocorrências), sendo cabeça e coluna as regiões corporais que resultaram em maior índice de afastamento.

Santos (2004), em sua pesquisa sobre diferentes formas de enfrentamento das dificuldades do professor, considera que muitas vezes a falta do trabalho é uma reação de defesa utilizada para lidar

com os problemas na escola. Com relação à presença de dor, a região corporal de maior prevalência foi membros superiores (87 ocorrências), seguido de membros inferiores (78), cabeça (61) e coluna (55).

6.2 Atividades e fatores com maior demanda mental

As principais atividades apontadas pelos participantes como de maior demanda emocional são apresentadas na Figura 3.

Pode-se observar que das atividades listadas acima, as que causam maior desgaste emocional nos professores remete à falta de interesse dos pais (64), falta de interesse dos alunos (63) e indisciplina dos alunos (60). Os dados obtidos nesta pesquisa estão consoantes com os achados de Reinhold (2007) e Mariano e Muniz (2006), que identificaram a falta

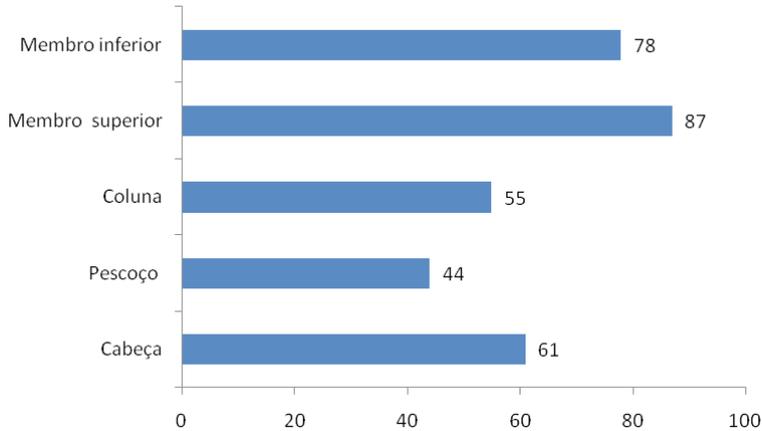


Figura 2. Principais regiões corporais de incidência de dores.



Figura 3. Atividades e fatores com maior demanda mental. Fonte: Elaborada pelo autor.

de interesse e indisciplina dos alunos. Nos dados da Unesco (ORGANIZAÇÃO..., 2004) sobre os fatores que os professores brasileiros entendem como os maiores geradores de problemas no seu exercício profissional, a dificuldade de controlar a disciplina dos alunos é prevalente (54,8%).

6.3 Sintomas apresentados nos últimos seis meses pelos professores

Na Figura 4 serão apresentados diversos sintomas, os quais foram listados pelos professores de acordo com a incidência nos últimos seis meses.

Os sintomas mais apresentados nos últimos seis meses de trabalho dos professores foram: fatores relacionados à memória, como esquecimento (67), irritabilidade ou impaciência (66), desânimo ou desmotivação (66), desânimo ou desmotivação (53) e insônia (44). Mesmo com os presentes sintomas, não houve afastamento do

trabalho ou faltas significativas causadas pelos sintomas citados acima, visto que a pesquisa abrangeu os últimos seis meses, observando-se que apenas 6% precisaram se afastar do posto de trabalho e que 94% não precisaram se ausentar do posto de trabalho. Para Reinhold (2007), os docentes estão em contato contínuo com situações permeadas de desgaste, o que favorece a ocorrência de estresse, cansaço intenso e episódios depressivos.

6.4 Avaliação das condições de trabalho (ambiente, organização do trabalho, materiais e equipamentos e disponibilidade de recursos pedagógicos)

Em relação à avaliação das condições de trabalho pelos professores, as respostas são apresentadas na Figura 5.



Figura 4. Principais fatores estressores apresentados nos últimos seis meses. Fonte: Elaborada pelo autor.

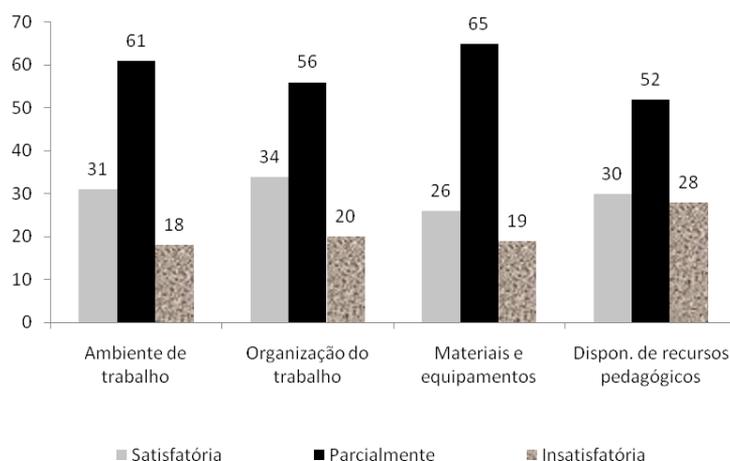


Figura 5. Avaliação das condições de trabalho.

No que se refere ao ambiente de trabalho, 55% (61) dos participantes avaliaram como parcialmente satisfatório, 28% (31) satisfatório e 17% (18) insatisfatório, indicando que as salas possuem ventilação insuficiente com, 44 ocorrências, e o número excessivo de alunos por sala de aula (38).

Em relação à organização do trabalho, 52% (56) dos participantes consideraram parcialmente satisfatória, 31% (34) satisfatória e 17% (20) insatisfatória. Foram apontados como problemas o salário insuficiente (72), a dupla jornada de trabalho (63), a falta de tempo para aperfeiçoamento na área de atuação (48) e a sobreposição da jornada de trabalho com a realização de atividades domésticas (48). Ressalta-se que, por se tratar amostra predominantemente feminina, a questão da dupla jornada deve ser considerada como fator de sobrecarga, interferindo no tempo livre, no tempo para preparação de aulas, na saúde, favorecendo o adoecimento (SAMPAIO; MARIN, 2004; MELEIRO, 2007; SILVA, 2009).

Souza et al. (2003) consideram que no trabalho docente, além da desvalorização, pode-se destacar: o pouco reconhecimento social, baixos salários, gestão autoritária, jornada extensa de trabalho, formação deficitária, adoção de posturas inadequadas, excesso de ruído, classes com número excessivo de alunos e acúmulo de tarefas extraclasse.

Sobre os materiais e os equipamentos utilizados para realizar as atividades profissionais, 60% (65) dos participantes classificaram como parcialmente satisfatórios, 24% (26) satisfatório, e 16% (19) insatisfatórios. Entre os motivos para a indicação da resposta, 59 professores apontaram que as carteiras não estavam adequadas para os alunos usuários de cadeiras de rodas, bem como apontaram a ausência ou insuficiência de recursos adaptados para auxiliar os alunos (56).

Em relação à disponibilidade de recursos pedagógicos oferecidos parcialmente, 48% (52) avaliou como parcialmente satisfatória, 27% (30) satisfatória e 25% (28) insatisfatória, sendo que a falta ou a insuficiência de recursos pedagógicos com 53 ocorrências foi o item de maior queixa, seguido da necessidade de comprar ou trazer os materiais de casa (44) para que as atividades possam ser realizadas. Em estudo com professores na Paraíba, Mariano e Muniz (2006) identificaram: problemas no ambiente (alta temperatura, laje da sala de aula muito baixa, favorecendo o aumento da temperatura); falta ou precariedade de equipamentos e recursos didáticos (ventiladores quebrados, falta de laboratórios, computadores e livros).

6.5 Relação entre as condições de trabalho oferecidas e a saúde do professor e condições de trabalho e a qualidade da prestação do serviço ao aluno

Em relação às condições de trabalho oferecidas ao professor e possíveis impactos na sua saúde e no ensino dos alunos, pode-se constatar com mais frequência a avaliação das condições de trabalho como não sendo boas e que elas estão prejudicando a saúde dos professores com 30 ocorrências, em seguida a afirmação de que condições de trabalho também estão resultando em irritação ao professor (29), um número significativo de professores (27) considerou boas as condições de trabalho, mas referiram que, mesmo assim, interferem na sua saúde. Por outro lado, 21 professores consideraram que as condições de trabalho são boas e se sentem saudáveis e 17 que estas o estimulam a trabalhar. Sobre a interferência das condições de trabalho na qualidade de serviço prestado ao aluno, 33 professores apontaram prejuízo à aprendizagem, 22 relataram irritação no trabalho, que dificulta o aprendizado dos alunos. Por outro lado, 29 professores consideraram boas condições de trabalho, com estímulo ao aprendizado dos alunos, e 25 referiram que tais condições favorecem a qualidade do ensino.

Para Silva e Carlotto (2003), o trabalho docente é geralmente realizado sob condições estressantes, como baixos salários, ausência ou insuficiência de recursos pedagógicos, número elevado de alunos, conflito na relação com os alunos, longa jornada de trabalho, baixa participação na gestão do ensino, da escola e do seu próprio trabalho, insegurança escolar.

De acordo com Reis et al. (2006), as situações estressantes vivenciadas pelos professores repercutem na saúde física e mental destes, além de interferir em seu desempenho profissional.

Embora não tenha sido objetivo do presente estudo comparar os professores de alunos com e sem deficiência, observou-se ligeira prevalência de sintomas físicos e emocionais nos últimos, os quais também manifestaram maior carência de recursos pedagógicos.

7 Conclusão

Os dados revelaram que as atividades burocráticas, as correções dos materiais e as atividades em grupo com os alunos causam cansaço físico elevado aos professores, levando à presença de dor, com destaque para membros superiores e inferiores, cabeça e

coluna. Apesar da alta prevalência de dor apontada pelos professores, o número de afastamentos não foi significativo. Em relação às condições de trabalho, a resposta prevalente foi parcialmente satisfatória, com os professores indicando que as tais condições interferem na sua saúde e prejudicam o aprendizado dos alunos.

Destaca-se ainda a presença dos sintomas emocionais entre os professores, sobretudo irritabilidade, desânimo e insônia, os quais podem favorecer o surgimento de doenças mentais como o estresse, os transtornos de ansiedade e a depressão.

Dessa forma, pode-se afirmar que o trabalho docente é permeado de condições que oferecem risco à sua saúde, expressas por meio de agruras e sofrimento, com possíveis implicações para seus familiares, bem como aos alunos, com possíveis implicações no processo ensino-aprendizagem.

Ressalta-se ainda a escassez de programas de intervenção junto aos professores, os quais deveriam abranger o desenvolvimento de estratégias pelo próprio trabalhador para enfrentar situações de estresse; modificação no ambiente de trabalho e em aspectos organizacionais que dificultam o trabalho, interferem na produção e impactam a saúde dos profissionais, contemplando aspectos pessoais do trabalhador e do contexto do trabalho.

Nesse sentido, aponta-se a necessidade de investimento em programas de prevenção e intervenção junto aos professores, no sentido de desenvolver estratégias de enfrentamento e reflexão do contexto organizacional como forma de investir na saúde destes e consequentemente dos alunos, e em contrapartida em benefícios para as instituições escolares.

Vale destacar que os estudos junto a professores concentram-se no diagnóstico, na descrição, na avaliação de condições de trabalho e postos de trabalho, na captação dos sentimentos dos professores no exercício da profissão, como o presente estudo. Existem muitos aspectos já conhecidos e que permitem a proposição de pesquisas de intervenção e enfrentamento das dificuldades encontradas pelos professores, seja em relação ao ambiente de trabalho, à eliminação de fatores de risco e construção de postos de trabalhos confortáveis com garantia da produtividade, seja nas relações interpessoais (colegas de trabalho, chefia, alunos e familiares) e na adoção de estratégias de prevenção e promoção da saúde. Observa-se ainda na literatura muitos estudos que abordam a temática da saúde do professor de forma isolada, havendo a necessidade de focalizar as relações existentes entre as condições de trabalho, o adoecimento dos

professores e incluir as interações com os alunos e os múltiplos comportamentos em sala de aula.

Referências

- ANDRADE, P. S.; CARDOSO, T. A. O. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a síndrome e burnout. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 129-140, 2012.
- BATISTA, J. B. V. et al. O ambiente que adoce: condições ambientais de trabalho do professor do ensino fundamental. *Caderno de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 234-242, 2010.
- BATISTA, J. B. V.; CARLOTTO, M. S.; MOREIRA, A. M. Depressão como causa de afastamento do trabalho: um estudo com professores do ensino fundamental. *Psico*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 257-262, 2013.
- BRASIL. Resolução nº 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 4 mar. 2002.
- CARLOTTO, M. S.; PALAZZO, L. S. Síndrome de *burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1017-1026, 2006.
- COSTA, D. B. et al. Fatores de risco e emocionais na voz de professores com e sem queixas vocais. *Revista CEFAC*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 1001-1010, 2013.
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.
- ESTEVE, J. M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- LIBÂNEO, J. C. Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 11-45.
- MARIANO, M. S. S.; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 76-88, 2006.
- MELEIRO, A. M. A. S. Do professor. In: LIPP, M. E. N. *O stress do professor*. São Paulo: Papirus, 2007. p. 11-27.
- MESQUITA, A. A. et al. Estresse e síndrome de *burnout* em professores: prevalência e causas. *Psicologia Argumento*, Paraná, v. 31, n. 75, p. 627-635, 2013.
- NUNES SOBRINHO, F. P. O *stress* do professor do ensino fundamental: o enfoque da ergonomia. In: LIPP, M. E. N. *O stress do professor*. São Paulo: Papirus, 2007. p. 81-94.

- OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 92, p. 753-775, 2005.
- OLIVEIRA, D. A. Política educacional e a reestruturação do trabalho docente: reflexões sobre o contexto latino-americano. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 355-375, 2007.
- OLIVEIRA, D. L. *Processo de trabalho e saúde na escola: um estudo de caso com professores do ensino fundamental da escola municipal General Mourão Filho em Duque de Caxias*. 2001. 134 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.
- OLIVEIRA, E. S. G. O. “Mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. *Revista Ciência & Cognição*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 27-42, 2006.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO – UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. Pesquisa nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.
- PEDDITZI, M. L.; NONNIS, M. Psycho-social sources of stress and burnout in schools: research on a sample of Italian teachers. *La Medicina Del Lavoro*, Italy, v. 105, n. 1, p. 48-62, 2014.
- PINTO, J. M. R. Remuneração adequada do professor - Desafio à educação brasileira. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 3, n. 4, p. 51-67, 2009.
- REINHOLD, H. H. O. Burnout. In: LIPP, M. E. N. *O stress do professor*. São Paulo: Papirus, 2007. p. 63-80.
- REIS, E. J. F. B. et al. Docência e exaustão emocional. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006.
- SAMPAIO, M. M. F.; MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1203-1225, 2004.
- SANTOS, G. A. C. *Educação, profissão perigo: burnout, depressão e o tratamento espiritual no espiritismo*. 2004. 236 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.
- SILVA, G. N.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de *Burnout*: um estudo com professores da rede pública. *Revista de Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 145-153, 2003.
- SILVA, N. R. *Condições de trabalho e saúde de professores de alunos com e sem necessidades educacionais especiais*. 2009. 132 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- SILVA, N. R. et al. O trabalho do professor, indicadores de *burnout*, práticas educativas e comportamento dos alunos: correlação e predição. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 21, n. 3, p. 363-376, 2015.
- SILVA, N. R.; ALMEIDA, M. A. As características dos alunos são determinantes para o adoecimento de professores - um estudo comparativo sobre a incidência de *Burnout* em professores do ensino regular e especial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 17, n. 3, p. 373-394, 2011.
- SILVA, N. R.; ALMEIDA, M. A. Physical and postural aspects of teachers during work activity. *Work*, Amsterdam, v. 41, p. 3657-3662, 2012. Suplemento 1.
- SOUZA, D. L. *Professor trabalho e adoecimento: políticas educacionais, gestão do trabalho e saúde*. 2007. 38 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.
- SOUZA, K. et al. Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (Sepe-RJ) na luta pela saúde no trabalho. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 157-1068, 2003.
- SUDA, E. Y. et al. Relação entre nível geral de saúde, dor musculoesquelética e síndrome de *burnout* em professores universitários. *Fisioterapia e Pesquisa*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 270-274, 2011.
- VEDOVATO, T. G.; MONTEIRO, M. I. Perfil socio-demográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 290-297, 2008.

Contribuição dos Autores

Ambos autores contribuíram na concepção do artigo e aprovaram a versão final do texto.

Fonte de Financiamento

CNPq – Edital Universal - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas; Fapesp – Bolsa de Iniciação Científica.